

Índice

Prefácio	7
O Castelo	
1 – Chegada	17
2 – Barnabas	32
3 – Frieda	47
4 – Primeira conversa com a estalajadeira	55
5 – Visita ao regedor	66
6 – Segunda conversa com a estalajadeira	82
7 – O professor	94
8 – À espera de Klamm	103
9 – Luta contra o interrogatório	111
10 – Na estrada	120
11 – Na escola	125
12 – Os ajudantes	135
13 – Hans	141
14 – A censura de Frieda	150
15 – Em casa de Amalia	160
16	168
17 – O segredo de Amalia	182
18 – O castigo de Amalia	196
19 – Petições	205
20 – Os planos de Olga	212
21	227
22	235
23	245
24	260
25	274
Apêndice	301

1

Chegada

Era noite cerrada quando K. chegou. A aldeia estava coberta de neve espessa. O monte do castelo era invisível, cercado de nevoeiro e escuridão, nem a mais débil réstia de luz deixava adivinhar o grande castelo. K. ficou muito tempo na ponte de madeira que leva da estrada à aldeia, a olhar para o que parecia o vazio lá em cima.

Depois, foi à procura de sítio para passar a noite; na estalagem, ainda havia gente acordada, o estalajadeiro não tinha quartos livres, mas, extremamente surpreendido e desconcertado com este hóspede tardio, dispôs-se a deixar K. dormir na sala numa enxerga de palha. K. mostrou-se de acordo. Alguns aldeões estavam ainda sentados a beber cerveja, mas ele não queria conversar com ninguém, foi, pessoalmente, buscar a enxerga de palha ao sótão e deitou-se junto ao fogão. A sala estava aquecida, os aldeões não faziam barulho, esteve ainda um bocado a observá-los com olhos fatigados e, depois, adormeceu.

Mas não passou muito tempo até o acordarem. Um jovem de traje citadino, com rosto de actor, olhos estreitos, sobrancelhas hirsutas, estava ao pé dele com o estalajadeiro. Os aldeões ainda lá permaneciam, alguns tinham virado as cadeiras para verem e ouvirem melhor. O jovem pediu desculpa, muito delicadamente, por ter acordado K., apresentou-se como filho do castelão e disse depois: “Esta aldeia é propriedade do castelo, quem aqui mora ou pernoita, mora e pernoita, de certa maneira, no castelo. Ninguém tem permissão para isso sem licença do conde. Mas o senhor não possui essa licença ou, pelo menos, não a exibiu.”

K. soerguera-se, pusera o cabelo em ordem, olhou os dois de baixo para cima e disse: “A que aldeia é que vim parar? Então há aqui um castelo?”

“Há, sim”, disse o jovem, devagar, enquanto, aqui e ali, alguém abanava a cabeça ao ouvir K., “o castelo do senhor conde Westwest.”

“E é preciso ter uma licença para passar a noite?”, perguntou K., como se quisesse assegurar-se de que não fora a sonhar que, porventura, ouvira as informações anteriores.

“É preciso ter a licença”, foi a resposta, e foi num tom de escárnio grosseiro dirigido a K. que o jovem, de braço estendido, perguntou ao estalajadeiro e aos clientes. “Ou será que não é preciso ter licença?”

“Nesse caso, terei então de ir buscar a licença”, disse K., bocejando, e afastou a manta, como se quisesse levantar-se.

“Mas vai pedi-la a quem?”, perguntou o jovem.

“Ao senhor conde”, disse K., “não resta outra solução.”

“A estas horas, à meia-noite, ir buscar a licença junto do senhor conde?”, exclamou o jovem, recuando um passo.

“Isso não é possível?”, perguntou K., impávido. “Então porque me acordou?”

Neste momento, porém, o jovem ficou fora de si, “maneiras de maltês!”, exclamou, “exijo respeito para com as autoridades condais! Acordei-o para lhe comunicar que tem de sair imediatamente dos domínios do conde.”

“Basta de comédias”, disse K., numa voz surpreendentemente baixa, deitando-se e tapando-se com a manta, “o senhor, jovem, está a ir um pouco longe de mais e amanhã não deixarei o seu comportamento passar em silêncio. O estalajadeiro e aqueles senhores além são testemunhas, se é que preciso de testemunhas. Mas fique a saber que eu sou o agrimensor que o conde mandou chamar. Os meus ajudantes chegam amanhã de carro com os instrumentos. Eu não quis prescindir da marcha pela neve, mas, infelizmente, enganei-me algumas vezes no caminho e foi por isso que cheguei tão tarde. Que era demasiado tarde para me apresentar agora no castelo, já eu sabia por mim sem precisar da sua prelecção. Foi por isso que também me dei por satisfeito com este sítio para passar a noite que o senhor — para não dizer mais — teve a indelicadeza de perturbar. Com isto, dou por terminadas as minhas explicações. Boa noite, meus senhores.” E K. virou-se para o fogão.

“Agrimensor?”, ouviu ainda perguntar, num tom hesitante, nas suas costas, depois, fez-se um silêncio geral. Mas o jovem depressa se re-

compôs e disse ao estalajadeiro, num tom que era suficientemente abafado para passar por respeito pelo sono de K. e suficientemente alto para ser entendido por ele: “Vou telefonar a perguntar.” Ora essa, até telefone havia nesta estalagem de aldeia? Estavam magnificamente equipados. O pormenor surpreendeu K., mas, no conjunto, era, afinal, o que esperara. Revelou-se que o telefone estava instalado quase por cima da sua cabeça, estava tão ensonado que não reparara. Se o jovem tinha agora de fazer um telefonema, não podia, por mais que quisesse, poupar o sono de K., a única questão era saber se K. deveria deixá-lo telefonar, decidiu deixar. Mas, sendo assim, não fazia sentido nenhum fazer de conta que estava a dormir e, por conseguinte, deitou-se outra vez de costas. Viu os aldeões juntarem-se receosamente e porem-se a deliberar, a chegada de um agrimensor não era coisa de somenos. A porta da cozinha abriu-se, tapando-a por completo, apareceu a figura imponente da estalajadeira, o estalajadeiro aproximou-se dela em bicos dos pés para a pôr ao corrente. E começou então a conversa telefónica. O castelão estava a dormir, mas um ajudante de castelão, um dos ajudantes, um senhor Fritz, atendeu a chamada. O jovem, que se apresentou como Schwarzer, contou como encontrara K., um homem dos seus trinta anos, todo andrajoso, a dormir tranquilamente em cima de uma enxerga de palha, com uma mochila minúscula a servir de travesseiro e um bordão nodoso ao alcance da mão. Evidentemente que lhe parecera suspeito e, como, pelos vistos, o estalajadeiro descurara o seu dever, ele, Schwarzer, sentira-se obrigado a ir ao fundo da questão. K. levava muito a mal que o acordassem, o interrogassem, o ameaçassem, como era devido, de expulsão do condado, de resto, como afinal se revelou, talvez com razão, uma vez que afirmava ser um agrimensor que o senhor conde mandara chamar. Claro que era um dever pelo menos formal verificar esta afirmação e Schwarzer pedia, assim, ao senhor Fritz que averiguasse na repartição central se se estava mesmo à espera de um agrimensor deste género e comunicasse de imediato a resposta por telefone.

Depois, tudo ficou em silêncio. Fritz estava a fazer averiguações no outro lado e, aqui, aguardava-se a resposta, K. deixou-se ficar como estava, nem sequer se voltou, não parecia minimamente curioso, olhava em frente. O relato de Schwarzer, na sua mescla de maldade e cautela, dava-lhe uma ideia da educação de certo modo diplomática que mesmo gente da arraia-miúda como Schwarzer tinha facilmente à disposição no castelo. E zelo também não lhes faltava, a repartição

central funcionava de noite. E, pelos vistos, dava resposta muito rapidamente, pois Fritz já estava a ligar. Mas o relato que fez pareceu, afinal, muito breve, pois Schwarzer, furioso, atirou de imediato com o auscultador. “Eu bem disse”, gritou, “qual agrimensor, um vulgar maltês mentiroso, mas, provavelmente, coisa pior.” Por um momento, K. pensou que toda a gente, Schwarzer, aldeões, estalajadeiro e estalajadeira, ia atirar-se a ele, para se esquivar pelo menos ao primeiro embate, enfiou-se bem debaixo da manta, e eis que — pôs devagar a cabeça de novo de fora — o telefone tocou outra vez e, assim lhe pareceu, especialmente alto. Embora fosse improvável que dissesse outra vez respeito a K., todos se detiveram e Schwarzer regressou ao aparelho. Ouviu ao telefone uma longa explicação e disse, depois, baixinho: “Quer dizer que foi um erro? Que coisa desagradável para mim. Foi o próprio chefe da repartição que telefonou? Estranho, estranho. Mas como vou agora explicar tudo ao senhor agrimensor?”

K. apurou o ouvido. O castelo tinha-o então nomeado agrimensor. Por um lado, isso era-lhe desfavorável, já que mostrava que, no castelo, sabiam tudo o que era preciso sobre ele, tinham ponderado as relações de força e aceitavam o combate com um sorriso. Mas, por outro lado, também era favorável, uma vez que, na sua opinião, provava que o subestimavam e que iria ter mais liberdade do que teria podido esperar de antemão. E, se julgavam que, com este reconhecimento do seu estatuto de agrimensor, o qual, do ponto de vista intelectual, sem dúvida demonstrava superioridade, podiam mantê-lo num susto constante, estavam enganados, sentia um leve calafrio, mas era tudo.

K. afastou com um gesto Schwarzer, que se aproximava timidamente; recusou-se a mudar-se para o quarto do estalajadeiro, como insistiam com ele, só aceitou do estalajadeiro uma bebida para a sossega, recebeu da estalajadeira uma bacia de lavatório com um sabonete e uma toalha e nem precisou de exigir que esvaziassem a sala, pois toda a gente se atropelou para sair com as caras viradas para o outro lado, não fosse ele reconhecê-los no dia seguinte, apagou-se a luz e, finalmente, teve descanso. Dormiu um sono profundo até de manhã, só uma-duas vezes vagamente perturbado por ratazanas que passavam a correr.

Após o pequeno-almoço, que, como todas as despesas de alojamento de K., segundo informou o estalajadeiro, era para ser pago pelo castelo, ele fazia tenções de ir logo à aldeia. Mas, como o esta-

lajadeiro, com quem, até àquele momento, recordando-se de como ele se comportara na noite anterior, apenas trocara as palavras estritamente necessárias, não parava de andar de roda dele numa súplica muda, apiedou-se e deixou-o sentar-se um bocadinho ao pé de si.

“Ainda não conheço o conde”, disse K., “consta que paga bem por um trabalho bem feito, é mesmo assim? Quando, como eu, se vem para tão longe da mulher e dos filhos, também se quer levar depois alguma coisa para casa.”

“Quanto a isso, o senhor não precisa de se preocupar, ninguém se queixa de ele pagar mal.”

“Bem”, disse K., “não sou uma pessoa tímida e sou bem capaz de dizer a minha opinião a um conde, mas claro que, com esses senhores, é muito melhor chegar a acordo a bem.”

O estalajadeiro estava sentado em frente de K., na borda do para-peito da janela, não se atrevia a sentar-se de maneira mais confortável, e não tirava os grandes olhos castanhos e angustiados de cima de K. Primeiro, não largara K. e, agora, parecia que o que mais queria era fugir. Recearia que o interrogassem a respeito do conde? Recearia que o “senhor” que julgava ver em K. não fosse digno de confiança? K. teve de mudar de assunto. Olhou para o relógio e disse: “Os meus ajudantes não tardam a chegar, tens possibilidade de os alojar aqui?”

“Com certeza, senhor”, disse ele, “mas eles não vão ficar a residir no castelo contigo?”

Prescindia tão facilmente e de tão bom grado dos hóspedes e, especialmente, de K., que remetia sem contemplações para o castelo?

“Isso ainda não é certo”, disse K., “primeiro tenho de saber que género de trabalho têm para mim. Se, por exemplo, for para trabalhar aqui em baixo, fará mais sentido cá morar. Além disso, receio que a vida lá em cima no castelo não me atraia. Quero ser sempre livre.”

“Não conheces o castelo”, disse o estalajadeiro, baixinho.

“É verdade, não conheço”, disse K., “não se deve fazer juízos precipitados. De momento, a única coisa que sei do castelo é que sabem escolher o agrimensor mais indicado. Talvez haja ali também outras boas qualidades.” E levantou-se, para se livrar do estalajadeiro, que mordía os lábios, inquieto. Não era fácil conquistar a confiança deste homem.

Ao ir-se embora, K. reparou num retrato escuro pendurado na parede dentro de uma moldura escura. Já do sítio onde dormira reparara nele, mas, à distância, não distinguira os pormenores e julgara que o